

A MEDUSA
OU
DE COMO O AUMENTO DO INSIGHT DO
ANALISTA PRODUZ O AUMENTO DO INSIGHT
DO ANALISANDO: ABORDAGEM TEÓRICA

Autora:

Manuela Porto

Psicóloga, Grupanalista e Terapeuta de Casal e Famílias

Correio Electrónico: mmanuelaporto@netcabo.pt

Telemóvel: 00 351 933392177

Lisboa, Portugal

Resumo:

O trabalho que agora se publica é constituído pelas associações espontâneas, relacionadas com a Mitologia, a Grupanálise e teorias Psicanalíticas, que ocorreram à analista no intervalo entre 2 sessões de um grupo de Grupanálise e que, aumentando o seu insight, fruto do trabalho da contra-transferência e da perlaboração da analista, permitiram interpretar diferentemente o comentário de um analisando numa das sessões. Isto trouxe como consequência o aumento do insight do analisando e a mudança do nível de comunicação dentro do grupo.

Este trabalho é parte do trabalho mais amplo que apresentou em 2008 na sua candidatura e passagem a membro titular da SPG, e que incluía uma caracterização dos elementos do grupo; a narração de uma sessão de grupanálise – base da elaboração teórica desse trabalho; o tema das medusas, abrangendo pesquisa bibliográfica e reflexão sobre o tema; e uma resenha sobre Patologia Borderline, incluindo literatura desde os anos 50.

Palavras-chave: Contra-transferência, Grupo, Interpretação, Insight, Medusa, Patologia Borderline.

O TEMA DAS “MEDUSAS”

1. Introdução

Foi o António que introduziu este tema numa sessão em que, mais uma vez, se falava da sua necessidade de estar sempre a “passar a acto” as suas emoções.

Ele dirigiu-se às mulheres do Grupo e disse, com muita raiva: *Calem-se!...suas...medusas!* (e virara-se no sofá, como quem está a cortar o diálogo).

Não interpretei – estávamos no final da sessão - houve um silêncio - e, o Rodrigo tomou a palavra para falar, ainda, dum assunto seu. Não me pareceu oportuno dizer alguma coisa, naquela altura, mas também só me lembrava que eram “seres maus”, com cabelos de cobras!

Eu disse, se ele se dirigira às mulheres do Grupo, a Analista estava, certamente, incluída. Até porque este Engenheiro Agrónomo se interessa por Filosofia desde que descobriu que eu tinha essa licenciatura e passou a ter *“pilhas desses livros, na mesa-de-cabeceira”*.

Numa das sessões seguintes, eu perguntei aos homens do Grupo: *“porque têm tanto medo das mulheres?”* E isto, repetia-se ali dentro...

Dirigi-me ao António – *“Aqui, as pessoas gostam de si ou são Medusas?”*. Não obtive grande discernimento da parte dele.

Mais tarde, interpretei de maneira diferente, como virei a mostrar mais adiante.

2. Desenvolvimento

O Tema foi despertando em mim várias linhas de associação:

2.1. A da Mitologia Grega – depois transferida para a cultura romana e latina. O universo era completamente povoado, não só de Deuses, mas de criaturas míticas, quer no céu, na terra, debaixo da terra, no mar, nos rios, no ar à nossa volta....

Talvez sugestionada pelo tema do nosso último Congresso¹, pensei que seria uma defesa contra o vazio. Seria, com certeza, um ecrã gigante para a projecção das emoções humanas.

A medusa era um desses seres. Era uma das Górgones. Eram figuras femininas que tinham serpentes em vez de cabelos, dentes de javali, mãos de bronze, asas de ouro e deitavam chamas pelos olhos.

A Medusa transformava em pedra ou em estátuas de sal, quem cruzasse o olhar com ela.

As Górgones eram equiparadas às Nereides, às Eríneas, às Harpias e, na cultura latina, às Fúrias.

Depois da consulta de alguns textos sobre Mitologia, Símbolos, Cultura Grega, entre outros, cheguei a interpretações mais dinâmicas.

Como as *μοιραι* (o destino), elas eram, na origem, guardas das leis da natureza e da ordem das coisas – no sentido físico e moral.

Depois, elas tornaram-se instrumentos de vingança divina, na sequência das faltas cometidas pelos homens e, por isso, os perseguiram.

¹ –“O Poder Criativo do Vazio”- 9º Congresso da SPG,2007.

Heródoto afirmará que a Divindade era sempre φθονερον τε και παραχωδες□, ou seja *invejosa e metediça*.

Nos nossos dias, alguns estudiosos da cultura grega e da Mitologia afirmam que, na Antiguidade, estas figuras eram já identificadas com a consciência. Interiorizadas simbolizam o remorso, a culpabilidade, a auto destruição pela impossibilidade de reparação.

As Górgones, como já disse, eram três: Esteno, Euríale e Medusa. Paul Diel escreveu a este respeito: “*As deformações monstruosas da Psique são devidas às forças pervertidas das três pulsões – sociabilidade, sexualidade, espiritualidade*”.

Euríale correspondia à perversão sexual; Esteno à social; Medusa, a única que era mortal, simbolizava a principal dessas pulsões – a espiritual.

Segundo J. Chevalier, “*(...) a pulsão espiritual e evolutiva, mas pervertida em estagnação vaidosa*”. Donde só se poderia combater a culpabilidade oriunda dessa vaidade e exaltação dos desejos próprios “*(...) esforçando-se por encontrar a Harmonia*”.

A única maneira de fugir às Górgones – era refugiar-se no Templo de Atena, deusa que representava a fecundidade, a sabedoria e era “*uma guerreira inspiradora das artes e dos trabalhos da paz*”. Ou seja, como diríamos hoje, a possibilidade de reparação é a partir do pensamento, de “*um trabalho meditado do espírito*” – e da criatividade.

Na lenda, Perseu matou a Medusa e presenteou Atena com a cabeça dela, que a colocou no seu escudo.

Para Paul Diel, a paralisação, por cruzar o olhar com a Medusa, verificava-se por ela “*reflectir a imagem duma culpabilidade pessoal. A medusa simboliza a*

imagem deformada de si...que petrifica pelo horror em vez de ser devidamente clarificada”.

2.2. Lembrei-me também dum pequeno livro que tinha lido há uns anos – é um trabalho duma colega nossa, Fátima Andersen, sob a orientação da Prof. Dr.^a Maria Rita Mendes Leal, que publicou com o título: *Do silêncio de Deus à mãe medusada*. É uma pesquisa de *still face*, realizada com bebés e as respectivas mães, em que se conclui que mais do que a mãe psicótica ou ausente, é a mãe deprimida, que não responde nem expressa, que cria situações de pior prognóstico em relação ao desenvolvimento.

2.3. Esta conclusão levou-me a lembrar a *Dead mother* de André Green e a identificação que os filhos fazem em relação a essas mães.

Green fala de *Imago* para designar a construção ou representação interna que os pacientes fazem delas, independentemente, da *Mãe histórica*. Vai partir daí para falar de *trauma* e de *reconstrução*.

Todos os elementos deste Grupo tiveram *dead mothers* – mães emocionalmente mortas – mortas-vivas:

- A do António – alcoólatra, desde que ele era pequeno;
- A do Rodrigo – apenas uma mãe prática, que ele descreve como masculina;
- A da Beatriz – com uma doença muito grave, durante muitos anos, tinha o posicionamento de filha em relação a ela;
- A do Francisco – deprimida, sem possibilidade de o conter, sufocando-o de aflição;
- A da Sofia – idealizada e fundida com ela, tornou-se inexistente como figura separada e foi, repetidamente morta, na anorexia da Sofia.

Green, fala da destrutividade destes pacientes, que resultaria numa identificação a uma mãe morta – o objecto é amado e odiado de forma

ambivalente, e perdido – é uma identificação com um objecto destrutivo ou morto. Nos pacientes *borderline* existe um medo central de activação duma situação traumática – estão assim, numa atitude constante de fuga do reconhecimento traumático da sua experiência psíquica.

2.4. A propósito de *Imago materna*, o Professor Doutor Eduardo Luís Cortesão lembra que esta *Imago* pode ser “*aliviante ou persecutória ou clivada e incluir as duas*” – e isto aparece na transferência. Na sessão apresentada, aparece mais claramente nos movimentos transferenciais do Rodrigo.

2.5. Peter Fonagy formula as hipóteses de *mentalização e auto reflexão* e afirma que “*a comunicação da mãe inclui a clarificação empática do que se passa na mente do bebé face a cada experiência e a sua diferente reacção a esta. A mãe do futuro paciente borderline é, no geral, incapaz de aceitar empaticamente a comunicação do bebé e de a elaborar, deixando-o a sós com o que se vai tornar uma experiência psíquica insuportável e opressiva, que não pode ser adequadamente mentalizada, ou então é uma mãe que se identifica com o bebé sem ser capaz de estabelecer uma distância interna entre a sua experiência e a deste.*”

Esta opressão insuportável origina a perda dos limites do Eu.

Bion, afirmaria que estas crianças não tiveram uma “*mãe continente*” e explica que o que paralisa é a parte da mente que se tornou psicótica.

2.6. Outro feixe de associações – foi sobre o olhar. Daniel Marcelli fala do olhar como “*um órgão psíquico do sentido*” e o “*fundamento do vínculo humano*”, que permite o nascimento da inter subjectividade.

A função do olhar é criar “*um entre dois*”, e assim, está na origem da troca, da partilha.

Ligado com isto, lembrei-me duma comunicação da nossa colega Maria da Graça Mexia, na sede da SPG, em que, entre outras coisas, nos falou desta vinculação pelo olhar, entre a mãe e o bebé.

3. Conclusão

Em sessões posteriores, fiz outro tipo de interpretações que permitiram alargar o *Insight* do António e dos membros do Grupo.

“ *O que aconteceria se o António pudesse cruzar o seu olhar connosco?*” – Respondeu de imediato “*eu tinha muito medo*”. Depois perguntou “*o que é que isso quer dizer?*”.

Respondi: “*Quer dizer, ligar-se a nós, com menos medo de estar próximo e também de ter de se separar...*”; “*Quer dizer, deixar haver o olhar da análise sobre si, sem medo de ser parado por nós em relação a algumas acções, lá fora, que parecem ser tão destrutivas para si*”.

E, expliquei o que eram “as Medusas”. O António: -“*Eu nunca pensei... eu disse isso? Peço desculpa – eu gosto de vocês e acho-vos bonitas... Eu não queria pensar – eu, às vezes, não quero pensar; também não queria que me parassem, era como se eu não aguentasse se deixasse de fazer aquelas coisas...eu tenho vergonha de falar dos meus medos, mas ando a perceber que tenho muitos. - E as mulheres?! Oh Dr.^a!! Também devo ter qualquer coisa esquisita em relação às mulheres*”.

A partir desta *interpretação*, foi possível passarmos a falar da mãe, o que se traduziu no aumento do seu *Insight*.

O aumento do *insight* do analista produziu o aumento do *insight* do analisando e do Grupo.

BIBLIOGRAPHY

- Bergeret J., Achaintre, A. et. al. (1976). *Psychologie pathologique*. Ed. Masson, Paris.
- Bion, W. R. (1963/1979). *Eléments de la Psychanalyse*. Ed. PUF, Paris.
- Bion, W.R. (1970/1973). *Atenção e Interpretação*. Rio de Janeiro, ed. Imago, Rio de Janeiro.
- Bonnard, A. (2007). *A Civilização Grega*. Edições 70, Lisboa.
- Charrier, P.; Hirscheelmann-Ambrosi, A, (2004/2006). *Os Estados-Limite*. Ed. Climepsi Lisboa.
- Chevalier, J. e Gheerbrant A. (1969/1982). *Dictionnaire des Symboles: Mythes, Rêves, Coutumes, Gestes, Formes, Figures, Couleurs, Nombres*. Ed. Robert Laffont, Paris.
- Cortês, E. L. (1989) *Grupanálise: Teoria e Técnica*. Ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- Diel, P (1966/2002). *Le Symbolisme dans la Mythologie Grecque*. Ed. Petite Bibliothèque Payot, Paris.
- Fonagy, Peter (1999/2001). *Attachement, Theory and Psychoanalysis*. Ed. Karnac, Londres.
- Graves, R. (1990/2005). *Os Mitos Gregos*. D. Quixote, Lisboa.
- Green, A. (1988) *Narcisismo de Vida/ Narcisismo de Morte*. Editora Escuta, São Paulo, Brasil.
- Green, A. (1999/2001). *The Dead Mother*. Ed. Gregório Kohon, Londres.
- Hesíodo (2005). *Teogonia Trabalhos e Dias*. Biblioteca de Autores Clássicos, Casa da Moeda, Lisboa.
- Kernberg, O. (1984/2004). *Les troubles graves de la personnalité: Stratégies psychothérapeutiques*. Ed. PUF, Paris.
- Kernberg, O., Selzer, M. et al. (1989/1991). *Psicoterapia Psicodinâmica de Pacientes Borderline*. Ed. Artmed, Porto Alegre, Brasil.

Kernberg, O. (2004/2006). *Agressividade, Narcisismo e Auto-Destrutividade na Relação Psicoterapêutica*. Climepsi Editores, Lisboa.

Lang, J. (2003). *Mitos Universais; Mitos e lendas dos povos europeus*. Landy Editora, São Paulo, Brasil.

Marcelli, D. (1994). *Les États limites en Psychiatrie: Borderlines*. Ed. PUF, Paris.

Marcelli, D. (2006). *Les yeux dans les yeux: L'énigme du regard*. Ed. Albin Michel, Paris.

Meunier, M. (1945/1961). *A Legenda Dourada*. Ed. Nova Mitologia Clássica, São Paulo, Brasil.

Rocha Pereira, M. H. (Org. e Trad.) (2005). *Hélade: Antologia da Cultura Grega*. Asa Editores (9ª ed.), Lisboa.